



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO *EM E PARA* OS DIREITOS
HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL - EEDH**

**ADEQUAÇÃO CURRICULAR PARA UMA PRÁTICA
EDUCACIONAL INCLUSIVA**

Milena Rosane da Silva

Orientadora: Prof^a. Dra. Mírian Barbosa Tavares Raposo

BRASÍLIA

2015



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

Milena Rosane da Silva

Adequação Curricular para uma Prática Educacional Inclusiva

Pesquisa-intervenção apresentada como trabalho final do Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural.

BRASÍLIA

2015

Silva, Milena Rosane

Adequação Curricular uma prática educacional inclusiva. / Milena Rosane da Silva – Brasília- 2015. 44 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) –Universidade de Brasília – UNB. Instituto de Psicologia.

Orientadora: Profª Drª Mírian Barbosa Tavares Raposo, Instituto de Psicologia.

1. Escola Inclusiva. 2. Formação Continuada. 3. Adequações Curriculares.

MILENA ROSANE DA SILVA

ADEQUAÇÃO CURRICULAR UMA PRÁTICA EDUCACIONAL
INCLUSIVA.

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural do (a) aluno (a).

Nome do Aluno (a) Milena Rosane da Silva

Prof^ª. Dr^ª. Mírian Barbosa Tavares Raposo

Professora-Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Suellen Neto Pires Maciel

Professora-Examinadora

Cursista: Milena Rosane da Silva

Brasília, 14 de novembro de 2015.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus três filhos Gabriel, Giovanna e Alícia Rosa; ao meu marido, e familiares por colaborarem e incentivarem todo o meu esforço e também por constituírem-se diferentemente enquanto pessoas, igualmente belos e admiráveis em essência. Estímulos que me impulsionaram a buscar conhecimento e vida nova a cada dia, meus agradecimentos por terem aceito se privar de minha companhia pelos estudos, concedendo a mim a oportunidade de me realizar ainda mais.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu a vida,

Em especial, agradeço imensamente aos meus amados pais, Rosa “*In memoriam*” e Romualdo esta, bem como todas as minhas demais conquistas.

À minha Família, pela demonstração de amor, carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até essa etapa da minha vida.

À orientadora a Prof^a Dr^a Mírian Barbosa Raposo Tavares pela paciência e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Aos amigos e colegas pela espontaneidade e demonstração de amizade.

A todos os professores do curso, tutores e coordenadores que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento deste trabalho.

O MAESTRO

O educador ou o coordenador de um grupo é como um maestro que rege uma orquestra. Da coordenação sintonizada com cada diferente instrumento, ele rege a música de todos. O maestro sabe e conhece o conteúdo das partituras de cada instrumento e o que cada um pode oferecer. A sintonia de cada um entre si, a sintonia de cada um com o maestro, a sintonia de todos é o que possibilita a execução da peça pedagógica. Essa é a arte de reger as diferenças, socializando os saberes individuais na construção do conhecimento generalizável e na formação do processo democrático.

(FREIRE *apud* MEDEL 2008, p.37)

RESUMO

Esta pesquisa trata de uma reflexão sobre a prática das adequações curriculares na perspectiva da educação inclusiva para a garantia de acesso e permanência do aluno deficiente no processo de ensino e aprendizagem. Esse trabalho está organizado em seis capítulos que tratam respectivamente; Capítulo I- Adequação Curricular uma Prática Educacional Inclusiva, no qual se subdivide em três partes: Educação Inclusiva, Formação Continuada e Adequação Curricular; Capítulo II- trata do Objetivo Geral que é planejar com uma professora de sala de recursos da SEDF estratégias e ações pedagógicas que atendem as necessidades educacionais especiais do educando, possibilitando a aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades e competências educacionais e favorecendo uma prática educativa inclusiva de Adequação Curricular. Os Objetivos Específicos trata do planejamento de ações e estratégias que atendam os alunos com necessidades educacionais especiais; e a construção de subsídios que possibilitem redimensionar as ações pedagógicas para uma prática Educativa Inclusiva; Capítulo III - Metodologia; foi utilizada a pesquisa qualitativa para analisar e descrever as concepções e práticas educativas da professora da sala de recursos. Para tanto, foi feito um estudo do PPP da escola (caracterização), paralelamente a isso, foi realizada uma entrevista na qual, foi possível verificar as concepções e práticas educativas em relação às adequações curriculares e a importância da formação continuada em relação às atividades desenvolvidas para os alunos com deficiência, que possibilitou a construção de um planejamento coletivo de *Adequações Curriculares* para atender as necessidades educacionais de um aluno com deficiência. Dessa forma buscamos assegurar o processo educativo considerando e redimensionando as práticas pedagógicas para a educação inclusiva. O Capítulo IV- traz os Resultados e a Discussão Teórica que neste trabalho se propôs refletir as práticas educativas vivenciadas na escola e nos permitiu realizar essa pesquisa que traçou ações e estratégias para atender a necessidade de um aluno deficiente. O Capítulo V- traz as Considerações finais que possibilitou a ampliação dos conhecimentos acerca do uso e da prática das adequações pela escola. E para finalizar, Capítulo VI- Referências bibliográficas, o estudo dos referenciais serviu para o levantamento das discussões teóricas, trouxe perspectivas e análise do contexto da escola, possibilitou a fundamentação do planejamento do trabalho pedagógico e também colaborou para a realização desta pesquisa. Por fim, esse trabalho discutiu a respeito das adequações curriculares como uma prática educacional necessária para o processo de inclusão dos alunos com deficiência.

Palavras-Chave: *Escola Inclusiva. Formação Continuada. Adequações Curriculares.*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA INTERVENÇÃO.....	12
1. CAPÍTULO I – ADEQUAÇÃO CURRICULAR PARA UMA PRÁTICA EDUCACIONAL INCLUSIVA.....	14
1.1 ESCOLA INCLUSIVA: PROPOSTA DE UM ESCOLA PARA TODOS	14
1.2 FORMAÇÃO CONTINUADA: REFLETINDO PRÁTICAS.....	16
1.3 ADEQUAÇÃO CURRICULAR: DA ELABORAÇÃO À PRÁTICA.....	18
2. CAPÍTULO II OBJETIVOS DA PESQUISA.....	23
2.1 OBJETIVO GERAL.....	23
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	23
3. CAPÍTULO III - METODOLOGIA.....	24
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	24
3.2 PARTICIPANTES.....	26
3.3 ESTRATÉGIAS E INSTRUMENTOS.....	26
4. CAPÍTULO IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO TEÓRICA.....	28
4.1 INCLUSÃO E ADEQUAÇÃO CURRICULAR.....	28
4.2 O PLANEJAMENTO DE UMA PROPOSTA DE ADEQUAÇÃO CURRICULAR: A INTERVENÇÃO.....	30
5. CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
6. CAPÍTULO VI – REFERÊNCIAS.....	37
7. ANEXOS.....	39

APRESENTAÇÃO

Este projeto de pesquisa teve como objetivo refletir sobre a adequação curricular nas práticas pedagógicas que, por meio da ação docente, poderá facilitar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência e promover uma releitura sobre o papel social da escola como uma instituição inclusiva. Foi nossa intenção, a partir dessas considerações, apresentar uma proposta de *Adequação Curricular*, como estratégia pedagógica para a promoção da aprendizagem do aluno com deficiência.

Essa pesquisa surgiu de uma necessidade pessoal de fazer uma formação para professores das salas de recursos da Secretaria de Educação do Distrito Federal, pois trabalho diretamente com os docentes da sala de recursos e percebi, a partir das sugestões advindas das avaliações das reuniões coletivas, a necessidade e a dificuldade de fazer o uso de adequações curriculares para o atendimento ao aluno com deficiência. Tais necessidades surgem não só de uma legislação, mas como procedimentos que, por meios de práticas, ações e estratégias pensadas para aprendizagem do aluno com deficiência, possam dar apoio e suporte nesse processo.

Destaco aqui a necessidade da formação continuada para que o professor possa buscar subsídios para instrumentalizar suas práticas com materiais adequados para cada tipo de deficiência e necessidade do aluno. Consideramos que, desta forma, poderá ser alcançada a proposta da educação inclusiva MEC (2008, p.54), a qual sugere-se ampliar a oportunidade de acesso e permanência desse estudante ao ensino, proporcionando um ambiente favorável para aprendizagem, fazendo com que esse aluno se sinta participante nesse processo educativo.

Segundo Stainback e Stainback (1999), *A educação inclusiva pode ser definida como a prática da inclusão de todos – independente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural – em escolas e salas de aula provedoras, onde as necessidades desses alunos sejam satisfeitas* (p. 21). Assim a adequação curricular como uma orientação para uma prática inclusiva é um grande desafio aos professores, pois, segundo o Currículo em Movimento da Educação Especial (2014), a implementação da educação inclusiva não é tarefa fácil, pois o professor terá que garantir o aprendizado do estudante com necessidades especiais e da turma como um todo, no contexto de suas atividades rotineiras. Desta forma o professor deve observar o aluno, estudar e conhecer a deficiência, entender as dificuldades que esse aluno tem e planejar estratégias que atendam as necessidades individuais do aluno e do coletivo da turma. Temos observado em nossa prática profissional que os professores que atendem alunos com deficiência têm muita dificuldade em adaptar o material e planejar ações

e estratégias aos alunos com deficiência, pois tais atividades exigem deles conhecimentos que possibilitam atender as especificidades desses alunos. A partir dessa percepção desenvolvemos essa pesquisa com o objetivo de planejar uma *Adequação Curricular*, propondo ações e construindo estratégias, em conjunto com a professora da sala de recursos, para atender as especificidades de um aluno com deficiência, de uma escola da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Nesta pesquisa, então, realizamos esse planejamento e, para isso, utilizamos a entrevista como estratégia de construção de informações, o que nos proporcionou uma compreensão a respeito da percepção da professora, sobre o contexto da escola e da sua sala de aula, suas práticas de ensino e suas concepções referentes à proposta da perspectiva da escola inclusiva.

Consideramos que a educação inclusiva será uma realidade nas escolas quando, todos os envolvidos no processo de educação se mantiverem disponíveis e capacitados para proporcionar ações e estratégias de ensino que garantam aos alunos com deficiência sua participação plena no processo educativo, como mostrará os capítulos seguintes desta pesquisa.

CAPÍTULO I - ADEQUAÇÃO CURRICULAR PARA UMA PRÁTICA EDUCACIONAL INCLUSIVA

A Adequação Curricular é uma ferramenta que contribui para a aprendizagem do aluno com deficiência, por meio de ações e estratégias de ensino que atendem a sua especificidade. Para que essa ação se efetive, é necessário que incorporem as concepções de escola inclusiva e, ao mesmo tempo, que o professor, em uma tarefa colaborativa de ensino, compreenda a adequação como suporte pedagógico que contribui para o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno com deficiência.

1.1 ESCOLA INCLUSIVA: PROPOSTA DE UMA ESCOLA PARA TODOS

A Escola que almejamos todos os dias visa preparar o aluno para a vida e para isso é necessário um trabalho com um currículo significativo em parceria a uma proposta pedagógica coerente com a proposta da escola inclusiva na qual todos os alunos, independente de qualquer situação ou contexto social, tem o direito a educação. Os alunos com deficiência, especificamente, também precisam participar do processo educativo e a escola deve promover um ambiente inclusivo e favorável à sua aprendizagem, a fim de que possa desenvolver-se bem.

O professor, por sua vez, possui uma ferramenta pedagógica importante, as adequações curriculares, e pode fazer o uso delas para atender às necessidades educacionais do estudante deficiente, que por motivo de sua deficiência apresenta dificuldades e limitações específicas para aprender.

A pedagogia proposta por Freire (2007) visa proporcionar ao aluno uma educação crítica que o desafia a desenvolver sua autonomia no processo educativo e nas suas relações. Por muitas vezes, as estratégias e ações objetivam esse processo autônomo, seja para o desenvolvimento de atitudes e comportamentos, ou seja para o desenvolvimento de atividades de vida diária, que o prepara para ser independente na realização das atividades propostas individuais e ou coletivas, dentro e fora do ambiente escolar.

Essa autonomia colabora no processo educativo na perspectiva de educação inclusiva participando do processo não apenas como ouvinte, mas sim como parte integrante e participante do processo de ensino e aprendizagem. Nesta concepção de educação, para Paulo Freire o educador é aquele que:

Não se permite a dúvida em torno do direito, de um lado, que os meninos e as meninas do povo têm de saber a mesma matemática, a mesma física, a mesma biologia que os meninos e as meninas das “zonas felizes” da cidade aprendem, mas,

de outro, jamais aceita que o ensino de não importa qual conteúdo possa dar-se alheado da análise crítica de como funciona a sociedade. (2000, p. 44).

A escola precisa ter seu papel social definido, ser um local de oportunidades de aprendizagens, valorizando e incentivando a formação do educador, ampliando as possibilidades para uma prática educativa inclusiva. O professor regente, por sua vez, deve fazer com que a sala de aula se torne um espaço de diálogo e reflexão, no qual seja proporcionado, a esse aluno, alternativas e métodos de ensino que articulem teoria e a prática, integrada à perspectiva da escola inclusiva. Dessa forma poderá garantir o direito do aluno deficiente ao acesso e permanência na escola e retirar as barreiras que possam impedir o seu desenvolvimento e participação do processo educativo da escola ao qual faz parte.

Entretanto é necessário que o professor da sala de recursos e o professor regente mantenham uma parceria para elaboração das ações e estratégias que serão propostas para o aluno. O primeiro é um professor especialista que desenvolve métodos e técnicas para desenvolver a aprendizagem dos alunos, em atendimentos com dia e horário determinados. O professor regente é aquele que experimenta e vivencia, em maior tempo, atitudes e comportamentos. Dessa forma, ele consegue visualizar, de forma mais global, os avanços desse aluno, observando e projetando possibilidades de aprendizagem.

Paulo Freire (2007), aponta a necessidade do educador assumir o *compromisso com os destinos do país. Compromisso com seu povo. Com o homem concreto. Compromisso com o ser mais deste homem* (p. 25). De acordo com o autor, o trabalho com a diversidade e com os temas transversais possibilitam essa abertura de diálogo e contribui com as reflexões necessárias para que a proposta de inclusão favoreça o processo de aprendizagem do aluno deficiente. Nesse processo, as adequações serão ações concretas que poderão contribuir para efetivação da aprendizagem, pois atende as necessidades específicas do aluno, em sua individualidade, e proporciona o sentimento de atitudes inclusivas em sala de aula e em toda a escola.

Em seu trabalho, Freire (1997) mostra que a educação deve ser *emancipadora*, ou seja, promotora do desenvolvimento das potencialidades do alunos, para que possam viver o exercício da responsabilidade frente às mudanças sociais e ser capaz de transformar seu contexto social.

Cabe ao professor, portanto, traçar objetivos de aprendizagem que compreendam e preparem os alunos para a vivência e convivência com a diversidade. Nesse processo, poderá

propor adequações curriculares, que garantam não apenas os seus direitos, mas também, possibilidades de atuar frente aos desafios impostos pela sociedade fora do contexto escolar.

A escola, nessa perspectiva, representa um espaço/tempo privilegiado para refletir sobre a cidadania, momento que deve ser valorizado para que ocorra a mudança de atitudes. Além disso, a escola deve cumprir sua função social que é o compromisso com a educação e com a sociedade, devendo promover a esses alunos um espaço de construção de conhecimentos, respeitando-o como cidadãos, seus conhecimentos prévios e considerando o seu contexto histórico e social.

Com essa pesquisa buscamos atribuir sentido ao trabalho com a Adequação Curricular na escola, visando agregar à sua proposta de ensino dos alunos com deficiência, estratégias e ações inclusivas que são necessárias, específicas e determinantes no atendimento às necessidades de cada aluno. Consideramos que, assim, poderemos garantir o acesso ao ambiente escolar e às aprendizagens, usufruindo de seus direitos no exercício da cidadania.

1.2 FORMAÇÃO CONTINUADA: REFLETINDO PRÁTICAS.

O atendimento aos alunos com deficiência pressupõe um tratamento diferenciado com ações e estratégias planejadas com intencionalidade pelo professor que trabalha com essa modalidade de ensino. Nesse sentido é necessário que esse profissional reflita sobre suas ações e quanto à eficácia de suas estratégias e propostas de ensino. Esse processo de ensino-aprendizagem deve ser apoiado em práticas pedagógicas que possibilitem a preparação do aluno para aprender, pois entendemos a aprendizagem como um processo complexo, porque envolve a pessoa em todas as suas dimensões, seja ela afetiva, cognitiva e social.

Por isso a necessidade de formação continuada do profissional da educação, pois o ensino especial é um desafio e as práticas educativas tradicionais não atendem as necessidades de nossos alunos. Mesmo o profissional especializado do Atendimento Educacional Especializado - AEE deve rever constantemente suas práticas, buscando potencializar e instrumentalizar suas ações para o desenvolvimento das habilidades e capacidades dos estudantes com deficiência, de acordo com as suas necessidades e também, para o exercício de sua função, conforme orientações do Currículo *em movimento* do ensino especial (2014)

Portanto, o profissional de educação especial envolvido com o atendimento de estudantes da salas de recursos, para garantir o desenvolvimento curricular deverá também subsidiar atividades pedagógicas de unidades escolares a partir de atividades de formação, orientando professores e coordenadores pedagógicos, no que se refere ao processo de ensinar e aprender em uma perspectiva inclusiva para a efetivação de uma prática profissional formal inclusiva, flexibilizando o currículo e desenvolvendo avaliações para a diversidade (p.20).

A Resolução nº 02/2001, do Conselho Nacional de Educação no item III, em seu Art. 08 descreve:

Flexibilizações e adaptações curriculares que considerem o significado prático e instrumental dos conteúdos básicos, metodologias de ensino e recursos didáticos diferenciados e processos de avaliação adequados ao desenvolvimento dos estudantes que apresentam necessidades educacionais especiais, em consonância com o projeto pedagógico da escola respeitado a frequência obrigatória.

O Conselho Nacional de Educação determina essa organização pedagógica porque entende a necessidade do preparo que antecede a ação pedagógica em sala de aula para que ocorra efetivamente o atendimento dos alunos que são público-alvo do AEE (deficiências, transtorno global do desenvolvimento e Altas habilidades/Superdotação), sejam elas as adequações em recursos, temporalidade, materiais ou até mesmo a capacitação dos profissionais da escola.

O sentido das palavras *prático e instrumental* no texto sugere uma flexibilização das atividades da vida diária do aluno (AVDs), que conduzam a respostas educacionais imprescindíveis e necessárias para o desenvolvimento da autonomia e independência do aluno, tanto na sala de aula, quanto fora dela.

O profissional que está em contato direto com esses estudantes deve comprometer-se com o ensino e com a escola. Conforme as Orientações pedagógicas do Ensino Especial (2010), o profissional do AEE tem como atribuições: *proporcionar o conhecimento, mediar ações, adaptar materiais pedagógicos identificar os recursos mais adequados para atender às especificidades individuais de cada aluno, orientar os professores, incentivar a comunicação, dentre outras...* (p.78). Além do atendimento individualizado do aluno especial, o profissional deve promover a sensibilização da comunidade escolar, identificar, elaborar e organizar recursos materiais e de acessibilidade, nortear a organização do trabalho do professor regente, informação e formação coletiva do corpo docente e demais profissionais da educação para uma prática educativa inclusiva.

Por isso a necessidade de um profissional especialista capacitado para atender de forma individual o aluno com deficiência, com a função de identificar e definir os aspectos aos quais esses alunos necessitam. Cabe a ele organizar ações e estratégias pedagógicas adequadas e preparar o aluno para receber esses atendimentos específicos, relevantes para a sua aprendizagem.

Para FREITAS (2006), a concepção de inclusão reforça a ideia de que as diferenças sejam aceitas e respeitadas, cabendo ao profissional da educação aprimorar suas práticas

educativas para garantir uma educação de qualidade para todos os alunos. O professor deve ser comprometido com a sua formação para o exercício da cidadania e aproveitar esses momentos de convivência e interação com o outro (não deficiente) para questionar e refletir sobre a diversidade existente dentro da escola como um todo e, assim, promover um ambiente propício à inclusão.

Não só a prática e experiências vivenciadas em sala de aula são possibilidades para a realização de reflexões da prática docente. O profissional que atende a essa modalidade de ensino deve mostrar-se aberto e disponível para participar da formação continuada e aperfeiçoamento de suas práticas para melhor atender as demandas dos alunos com deficiência.

1.3 ADEQUAÇÃO CURRICULAR DA ELABORAÇÃO À PRÁTICA.

No Brasil, as adaptações curriculares estão respaldadas pela Lei nº 9.394, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, no Cap. V, Art. 59. *Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência [...] currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades.* O ensino especial fundamentado neste princípio e apoiada em políticas públicas educacionais deve garantir o ensino do aluno com deficiência visando o seu desenvolvimento e sucesso escolar.

Compreendendo o aluno portador de necessidades educativas especiais e respeitando-o na sua diferença, reconhecendo-o como uma pessoa que tem determinado tipo de limitação (e, embora as dele sejam de consequências geralmente mais difíceis, todos têm limitações), mas que também possui seus pontos fortes. Para isso, é necessário que se abandonem os rótulos, as classificações, procurando levar em conta as possibilidades e necessidades impostas pelas limitações que a deficiência lhe traz. (GOFFREDO, 1997, p.46)

O aluno deficiente precisa ser respeitado e reconhecido em sua diferença, portanto todo o processo educativo, no qual ele fará parte, dentro e fora da escola, deverá dar condições para sua participação e considerar suas dificuldades/ limitações. A proposta da educação inclusiva reconhece e garante esse direito ao aluno deficiente, mas busca uma mudança de postura dos profissionais, disponibilidade e atitude para que se realizem ações e estratégias que atendam as especificidades dos alunos com a realização das adequações curriculares.

A Resolução CNE/CEB Nº 2/2001, estabelece diretrizes para a educação especial na educação básica:

Art. 3º Por educação especial, modalidade de educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente, para apoiar,

complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica. (BRASIL, 2001, p. 69)

A escola inclusiva por meio desta modalidade de ensino, que é a Educação Especial, visa à democratização do ensino, pois atende a uma diversidade de alunos da escola, isto é, um grupo no qual necessita de adequações curriculares para acesso, igualdade de oportunidades e direitos no processo educativo.

A educação inclusiva é anunciada como a forma mais recomendável de atendimento educacional para os alunos que apresentam deficiência(s), altas habilidades e condutas típicas de síndromes. É identificada, hoje, como o caminho eficiente para a construção da cidadania e da participação social em consonância com a perspectiva da educação para todos e com todos. (CARVALHO, 1995, p.51)

Tendo o currículo em movimento como referência de base a ser tomada para o ensino escolar, o ensino especial passa a ser a modalidade ao qual garante ao aluno com deficiência as adequações curriculares para que a inclusão educacional aconteça.

A adequação curricular são ações e estratégias determinantes para que ocorra o atendimento das necessidades alunos com deficiência, estratégias essas, definidas como alterações em recursos materiais e humanos que facilitam a aplicação desse currículo de forma mais específica para o estudante. De acordo com as Orientações Pedagógicas do Ensino Especial (2010)

Na sala de aula às demandas do processo educativo concretizam-se e as relações estabelecidas entre professor estudante e entre estes e seus pares, favorecem e potencializam o desenvolvimento de competências e de habilidades curriculares dos estudantes que requerem um atendimento pedagógico adequado às suas diferentes necessidades. (p. 38)

De acordo com o documento, o professor ao se propor em trabalhar com essa modalidade de ensino, deve primeiramente entender as dificuldades e limitações que as deficiências apresentam, para manter uma postura de disponibilidade para atender e atuar de forma diversificada frente às dificuldades e necessidades de seus alunos e buscar conhecer o seu contexto social para poder planejar e intervir sobre o processo de aprendizagem do aluno.

Sendo assim, a adequação curricular será o planejamento de “o que”, “como” e “quando” esse aluno deve aprender conforme as orientações pedagógicas (p.40). A aplicação dessas adequações curriculares deve atentar-se as habilidades, as limitações e as dificuldades apresentadas pelo aluno. Desta forma o planejamento dessas ações devem envolver todos os segmentos da escola, desde o planejamento, a elaboração e a execução das atividades propostas para o atendimento das necessidades deste aluno.

Com o objetivo de construir um planejamento de adequação curricular para um aluno do 2º ano do Ensino Fundamental da SEDF que apresenta dificuldades e limitações no processo de aprendizagem por motivo de sua deficiência, esta pesquisa propõe como uma ação inclusiva, a adaptação e adequação de atividades e ações práticas que favorecem o processo à aprendizagem do aluno.

De acordo com as orientações pedagógicas do ensino especial (2010) Adequações Curriculares são consideradas *muito significativas* quando modifica o planejamento geral da turma elas são consideradas específicas e podem requerer em alto grau de individualização. Já as adequações avaliadas como *pouco significativas* aplicam-se a pequenas dificuldades de aprendizagens necessidade de apoio pedagógico podendo ser integradas a dinâmica da aula e contemplando pequenos ajustes no contexto regular.

O documento Saberes e Práticas da Inclusão (2003) consideram os apoios tendo em vista a sua intensidade, podendo ser *intermitente*: nem sempre necessário e de pouca duração; *limitado*: por tempo determinado e com o fim definido; *extensivo*: em ambientes definidos sem tempo limitado e *pervasivo*: constante com alta intensidade e longa duração (p. 79).

Sendo assim, segundo o documento é necessário ao professor conhecer bem o aluno, para definir as ações e estratégias e também as suas necessidades de apoio, só assim ele conseguirá definir a intensidade, a duração e a especificidade das adequações que são necessárias para o atendimento do aluno.

Pode-se observar então, que as adaptações devem ser realizadas de acordo com as necessidades apresentadas pelo aluno e de acordo com as Orientações Pedagógicas do Ensino Especial (2010) as Adequações Curriculares no currículo são:

Organizativas: englobam agrupamento de estudantes; disposição das cadeiras e carteiras; organização didática da aula e os materiais didáticos a serem utilizados. *Objetivos e conteúdos*: definem a prioridade de certas áreas e conteúdos de acordo com critérios de sua funcionalidade inserção ou eliminação de conteúdos. *Avaliativas*: Consistem na seleção de técnicas e instrumentos de acordo com a necessidade educacional respeitando as diferenças individuais. *Procedimentos Didáticos e atividades de ensino-aprendizagem*: seleção e adaptação de métodos apresentação de atividades previamente ao estudante, seleção e adaptação de material e disponibilização de tempo flexível. *Recursos de Acessibilidade ao Currículo* são equipamentos serviços métodos de comunicação e recursos materiais. *Adequação na temporalidade*: flexibilização do tempo previsto para a conclusão das atividades e objetivos curriculares (p. 45-47).

Dessa forma as adequações curriculares são ações e estratégias que envolvem desde o âmbito do PPP da escola (mais geral), as atividades desenvolvidas em sala de aula com toda a

turma e a um nível individualizado para atender a necessidade individual do aluno com deficiência (nível específico).

Fundamentados nesta proposta de adequação curricular como prática inclusiva e como estratégias de adaptação do currículo para o acesso do estudante com deficiência à educação o formulário de adequação em consonância com o livro Saberes e práticas para uma prática inclusiva (2003) apresenta as adequações como possibilidades necessárias à aprendizagem do aluno.

As adequações curriculares constituem como possibilidades educacionais frente às dificuldades de aprendizagem dos estudantes. Pressupõem que se realize a adequação do currículo regular para torná-lo apropriado às peculiaridades dos estudantes com necessidades educacionais especiais. Um currículo, mas um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todo esse público. As respostas a essas necessidades devem estar previstas e respaldadas no projeto pedagógico da escola, não por meio de um currículo novo, mas da adequação progressiva do currículo implementado no ensino regular, buscando garantir que os estudantes com necessidades educacionais especiais participem da programação geral da escola, igual a qualquer outro estudante, entretanto, considerando as especificidades que as necessidades possam requerer (MEC/SEESP, 2003).

CARVALHO (1999) coloca em suas pesquisas sobre o assunto que a escola deve promover uma adequação curricular à prática pedagógica, nesse sentido, é necessário redimensionar métodos, procedimentos, ações e estratégias para que seja possível o aluno progredir em relação a seu próprio nível de aprendizado. Essas adequações são importantes para o desenvolvimento das aprendizagens, pois possibilita ao aluno com deficiência alcançar objetivos e metas de aprendizagens que não seriam possíveis sem o uso de materiais de apoio adaptados e de suporte, que são os tipos de ajuda necessários às dificuldades apresentadas.

São as especificidades de cada aluno como comportamentos e atitudes, que possibilitam enriquecer esse *repertório* de possibilidades que favoreçam a aprendizagem. A deficiência não pode ser vista como um impedimento para a aprendizagem, por isso a adequação curricular assume um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades e competências oportunizando o contato mais próximo com o conhecimento dentro de seus limites e possibilidades.

Segundo a Associação Americana de Deficiência Intelectual e do Desenvolvimento AAIDD.

Por apoio entende-se ao diversos recursos e estratégias que objetivam promover o desenvolvimento, a educação, os interesses e o bem-estar da pessoa e que aprimoram seu funcionamento pessoal, sendo considerados alguns fatores como o tempo de duração, a frequência, o ambiente em que se aplica, os recursos demandados e o nível de interferência dos apoios na vida da pessoa (AA-MR, 2002)

A adequação curricular das atividades de apoio deve ser baseada nas necessidades atuais do aluno e devem ser analisadas a partir do desempenho dos alunos para exercer essas habilidades com o objetivo de aumentar a participação nas atividades propostas em sala de aula e promover a socialização do aluno. Assim o aluno irá desenvolver o interesse em participar ativamente das aulas.

Para Mittler (2003), *os desafios pedagógicos relacionam-se à aprendizagem*. Dessa forma as adequações curriculares se tornam os desafios diários para o professor, que deve utilizar procedimentos e estratégias pedagógicas para atender as necessidades que as deficiências/ limitações desse aluno especial requer. Quando a prática pedagógica do professor é orientada por estratégias e ações que promovam a inclusão desse aluno, temos a aprendizagem como resultado dessa prática.

CAPÍTULO II – DOS OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Planejar com uma professora de sala de recursos da SEDF estratégias e ações pedagógicas que atendem as necessidades educacionais especiais do educando, possibilitando a aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades e competências educacionais e favorecendo uma prática educativa inclusiva de Adequação Curricular.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Planejar ações e estratégias que atendam os alunos com necessidades educacionais especiais;
- Construir subsídios que possibilitem redimensionar as ações pedagógicas para uma prática Educativa Inclusiva;

CAPÍTULO III – METODOLOGIA

Nesta pesquisa busquei fundamentar minha proposta de intervenção com uma metodologia qualitativa que trata da compreensão do caráter subjetivo do próprio processo de construção do conhecimento. Nessa perspectiva, o que é produzido se torna mais particular e o texto se torna menos impessoal para quem escreve.

Partindo da Epistemologia Qualitativa, tento desenvolver uma reflexão aberta e sem *âncoras* apriorísticas em relação às exigências e às necessidades de produzir conhecimento em uma perspectiva qualitativa; tento buscar uma posição quanto às novas perguntas e respostas criadas ao implementar um processo diferente de construção do conhecimento, evitando assim transitar por novas opções utilizando princípios já estabelecidos por representações epistemológicas anteriores que não respondem aos novos desafios. Essa tentativa (...) [visa ao] desenvolvimento de epistemologias particulares nos diferentes campos do conhecimento, fato que considero a única forma real de enfrentar os desafios epistemológicos que vão aparecendo nos campos metodológicos particulares de cada ciência (GONZÁLEZ REY, 2005a, p. 5).

O autor, ao explicitar suas opções metodológicas, mostra a preocupação em elaborar uma pesquisa que atenda aos desafios atuais. Um deles é que em um universo escolar, existe uma realidade que vive em constante mudança. Assim, é necessário avançar e reconstruir o processo de pesquisa articulando sempre a teoria e a prática vivenciada, que é vivenciada por todos, todos os dias.

González Rey (2005a), a partir desta perspectiva, elaborou o conceito de “zonas de sentido” no qual propõem o caráter de incompletude da pesquisa. Assim, ao concluir a investigação sobre um determinado problema, abrem-se novas possibilidades para a continuidade de outros estudos, que fazem com que o pesquisador construa teorias no decorrer das suas práticas investigativas, favorecendo o entendimento e apropriação de determinadas demandas de estudos na área escolar, como é o caso deste projeto.

Assim, passamos a compreender que esse conhecimento obtido é *uma produção humana* e não uma *apropriação linear da realidade* estudada no momento. Dessa forma, essa pesquisa qualitativa, neste contexto escolar específico, pode propiciar a abertura para quem tiver interesse na área de Educação Especial, realizar estudos sistemáticos e redimensionar ações pedagógicas que não só facilitem o processo educativo para os alunos com deficiência, mas também, a efetivação do processo de aprendizagem. E para a realização desses estudos é imprescindível o conhecimento do contexto ao qual se propõe a aplicação dessa metodologia.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

As informações a respeito da escola pesquisada foram construídas por meio da análise do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola.

Segundo o dicionário *Aurélio*, a expressão **projeto** vem do latim *projectu*, *Lançado para diante. Ideia que se forma de executar ou realizar algo, no futuro: plano, intento, desígnio. Empreendimento a ser realizado dentro de determinado esquema*". (Ferreira, 2003). Quando nos referimos ao termo **político**, é porque entendemos que toda ação pedagógica é, também, uma ação política, não no sentido de uma doutrina ou partido, mas no sentido da busca do bem comum e coletivo. E segundo Vasconcellos (2002), projeto político-pedagógico é "a sistematização, nunca definitiva, de um processo de Planejamento Participativo, que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar. É um importante caminho para a construção da identidade da instituição. É um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade. É um elemento de organização e integração da atividade prática da instituição neste processo de transformação". (p.169)

Nesse contexto o estudo do PPP da escola se coloca como fundamental para se compreender como a escola desempenha seu papel social no contexto em que está inserida, Para tanto é necessário observar se a proposta pedagógica está em consonância com o *Currículo em Movimento* que tem como proposta a superação dos moldes tradicionais de educação e concebe uma educação que valoriza o ser humano em sua *multidimensionalidade*.

Nessa perspectiva a Política Nacional de Educação (2008) conjuga *igualdade e diferença* como valores *indissociáveis* no contexto escolar e fundamentados nesta concepção, a adequação curricular é um dos instrumentos que o professor, em suas ações diárias junto com a escola, garante o direito ao acesso e permanência do aluno deficiente no processo educacional inclusivo.

Conforme o PPP da Escola, a sua inauguração ocorreu em 22 de junho de 1987. O terreno foi doação de moradores pioneiros da comunidade e atendia alunos do ensino fundamental - séries iniciais, oriundos de chácaras e condomínios próximos.

Segundo as informações do projeto político pedagógico, inicialmente as atividades escolares atenderam duas turmas multisseriadas com dois alunos em cada sala. Atualmente a escola atende a uma clientela de famílias de baixa renda. São crianças carentes e com dificuldades de aprendizagem, na faixa etária de 6 a 13 anos, totalizando 127 alunos distribuídos em oito turmas do Ensino Fundamental de nove anos.

O PPP da escola apresenta uma preocupação em planejar e organizar o trabalho coletivo para atender as necessidades dos alunos com deficiência. Assim, a escola fez adaptações estruturais como banheiros adaptados e rampas de acessibilidade. No campo pedagógico, especificamente, realiza a Adequação Curricular e trabalha com os seguintes projetos: Projeto Interventivo; Projeto Mais Educação do Governo Federal com a Escola Integral; Projeto Alegria (leitura); Projeto de Psicomotricidade; Projeto de atendimento aos pais: Vivenciando a Escola e Oficinas de dança, música e capoeira.

Como informado no PPP todas as atividades são realizadas diariamente, nos espaços diversos da escola, sala de aula, quadra, pátio e campo atendendo a todos os alunos, inclusive os com deficiência, incluindo todos os alunos nas práticas educativas diárias, como concebe os princípios da Educação Inclusiva. Com base neste contexto, a seguir, as estratégias e instrumentos de construção das informações e também as análises dessas informações.

3.2 PARTICIPANTES

Para a construção deste trabalho foi realizado uma entrevista com a Professora *E* que atua na sala de recursos da escola.

Em sua entrevista, a professora afirma que é mãe de três filhos e entrou no ensino especial por causa da sua filha mais velha, que na época em que frequentava séries iniciais, apresentava dificuldades de aprendizagem e tinha sido fechado precocemente o diagnóstico de DI (deficiência intelectual). De acordo com a professora, no entanto, com as intervenções e estudos se descobriu que o diagnóstico dela era na verdade, de Altas Habilidades / Superdotação.

A professora trabalha na escola há seis anos. Tem dezessete anos de magistério e relatou ter trabalhado em várias modalidades de ensino. Tem formação superior e especializações na área de Ensino Especial. Toda sua busca por conhecimento na modalidade de Educação Especial se iniciou por motivo de questões familiares.

3.3 ESTRATÉGIAS E INSTRUMENTOS

Gonzáles Rey (2005a) coloca em seu estudo que a entrevista é o meio pelo qual os sujeitos participantes da pesquisa se configuram em um espaço legítimo e permanente de produção de informações, que articula a construção teórica com um momento empírico, dando a compreensão da pesquisa, como um processo de comunicação e diálogo entre as pessoas envolvidas.

Sendo assim, para a elaboração deste projeto de intervenção, utilizei como instrumento de pesquisa a entrevista semi-estruturada individual, com a professora da sala de recurso, de uma escola da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Essa entrevista foi realizada com o objetivo de: conhecer o contexto escolar e a perspectiva da escola inclusiva desta escola; compreender como se constrói e trabalha com as adequações curriculares com aluno deficiente; e saber qual é a visão do professor quanto ao atendimento dessas necessidades individuais do aluno deficiente.

A escolha dessa profissional para entrevista se deu por motivo pessoal e profissional, ou seja, primeiro por conhecer e trabalhar diretamente com ela nas formações propostas pela Regional de Ensino para professores das salas de recursos. Segundo porque a professora tem formação profissional na área de ensino especial, um vasto conhecimento sobre a inclusão escolar, experiências anteriores na área, participa ativamente das formações e cursos voltados para alunos com deficiência, trabalha numa escola que realiza seu trabalho numa perspectiva inclusiva e está há seis anos em uma sala de recursos realizando atendimento individualizado e adequação curricular para alunos deficientes.

Essa entrevista foi agendada com a professora e realizada individualmente na sala de coordenação da escola e teve duração de 55 minutos. Esta entrevista foi gravada e conduzida pela pesquisadora e também transcrita integralmente.

O roteiro utilizado para a entrevista foi organizado em quatro blocos: O primeiro bloco com a apresentação da professora, o que incluiu questões a respeito de sua formação, tempo de serviço, tempo de atuação na sala de recursos, etc...

O segundo o bloco tratou dos referenciais teóricos. Procuramos saber quais os autores embasam seu trabalho, como o seu trabalho deveria acontecer, etc.

O terceiro bloco foi referente às estratégias de ensino. Quais as estratégias de ensino são adotadas pela professora em seus atendimentos? Como essas estratégias facilitam o processo de aprendizagem dos alunos? Se a professora participa da formação continuada? Sobre suas experiências de ensino no atendimento ao aluno deficiente. Quais estratégias estão dando certo?

Por último, o quarto bloco tratou da realização de um planejamento de uma adequação curricular que atendesse a necessidade educacional de um aluno deficiente, o que possibilitou a construção de ações e estratégias que atendem às necessidades apresentadas pelo aluno neste momento de sua aprendizagem.

CAPÍTULO IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO TEÓRICA

As adequações curriculares possibilitam que os alunos que são públicos-alvo da Educação Especial desenvolvam as habilidades e competências propostas pelo currículo, a partir de ações e estratégias, planejadas e pensadas para atender as suas necessidades e especificidades.

O aluno com deficiência possui potencialidades, limitações e um ritmo de aprendizagem diferenciado. Seu desempenho dependerá de experiências de aprendizagens adequadas às suas necessidades, que visem superar essas limitações. Sendo assim, as adequações curriculares se tornam possibilidades reais de inclusão para o aluno deficiente.

4.1 INCLUSÃO E ADEQUAÇÃO CURRICULAR.

Inclusão é o processo social pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social institui então, um processo bilateral na qual as pessoas ainda excluídas, e a sociedade, buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos (SASSAKI, 1997, p. 41).

A professora relatou que a escola está buscando trabalhar na perspectiva de escola inclusiva, pois tem em seu plano de ação e suas ações diárias buscado atender as solicitações dos professores tanto no que se refere aos recursos, quanto na promoção de atividades voltadas para a diversidade que se encontra dentro da escola.

De acordo com ela

Professora *Busco em minha sala, sempre desenvolver o aluno a partir do concreto e manual, e para depois chegar ao abstrato, que ele consiga produzir sozinho, participe, desenvolvendo autonomia para construir seu material e suas atividades com independência. Atendo alunos com deficiência intelectual, que são chamados de DI, com o desenvolvimento de atividades que exigem deles o uso do raciocínio lógico, as atividades se tornam desafios e a gente pode até colocar junto com os outros alunos que não têm deficiência para realizar atividades e muitos conseguem alcançar os objetivos e até ir além. O trabalho na sala de recursos é para desenvolver mesmo os processos mentais, então buscamos trabalhar a percepção visual, auditiva, a concentração, o raciocínio, a linguagem, buscando sempre trabalhar as dificuldades que esse aluno apresenta, para que ele consiga realizar as atividades propostas em sala de aula com mais autonomia e*

independência, e busco sempre trabalhar com as habilidades que o aluno tem. A aprendizagem do aluno deficiente deve se dar no aspecto positivo. Temos que ser sensíveis e observadores, e estar atentos à possibilidade de aprendizagem que os alunos apresentam, alguns demonstra maior facilidade que podem ser visuais, auditivas, outros só conseguem aprender fazendo a leitura, outros só consegue fazendo uso de recursos materiais e concretos e assim vamos construindo esse processo de aprendizagem do aluno buscando alternativas para que a aprendizagem deles se torne significativa!

E fundamentado pelos estudos de Vigotsky (2001).

[na criança] o desenvolvimento decorrente da colaboração via imitação, o desenvolvimento decorrente da aprendizagem é o fato fundamental. [...] Porque na escola a criança não aprende o que sabe fazer sozinha mas o que ainda não sabe fazer e lhe vem a ser acessível em colaboração com o professor e sob sua orientação (p.331).

Vigotsky mostra em seus estudos o ganho advindo do trabalho pedagógico que valoriza e potencializa a colaboração e interação social dos alunos, o trabalho do professor como mediador e a importância de fazer o uso de estratégias que atendam as necessidades do aluno com deficiência. Deixa claro, também. O respeito às limitações que esses alunos apresentam no processo de aprendizagem, seja elas por uma deficiência ou por dificuldades de aprendizagem.

Em uma entrevista a educadora Mantoan (2005) afirma

Na escola inclusiva professores e alunos aprendem uma lição que a vida dificilmente ensina: respeitar as diferenças. Ressalta ainda, que a inclusão é a nossa capacidade de reconhecer o outro e ter o privilégio de conviver com pessoas diferentes. Diferentemente do que muitos possam pensar, inclusão é mais do que rampas e banheiros adaptados.

Desse modo, promover ações que favoreçam as interações prepara e capacita esse aluno para lidar com as situações vivenciadas dentro da escola todos os dias. A escola inclusiva tem como perspectiva atender e reconhecer as diferenças e buscar a participação desse aluno deficiente, o que pode ser facilitado a partir da aplicação de práticas de ensino como as propostas pelas adequações curriculares.

Como informado pela professora, em suas práticas pedagógicas busca utilizar efetivamente adequação curricular como estratégia de ensino para os alunos com deficiência. Relata experiências exitosas com o uso de materiais e estratégias adaptadas para necessidades

de cada aluno que atende. Assim as adequações curriculares se mostram positivas nas experiências de práticas educacionais da professora.

A construção de um planejamento em parceria com a professora da sala de recursos possibilita conhecer as necessidades reais do aluno com deficiência e a construção dessas adequações curriculares atende as dificuldades apresentadas por ele neste momento de aprendizagem e possibilita também, ações que atendem a proposta da escola inclusiva. A seguir, a construção de um planejamento de uma adequação curricular com ações e estratégias que garantem a participação do aluno deficiente no processo educativo inclusivo.

4.2 O PLANEJAMENTO DE UMA PROPOSTA DE ADEQUAÇÃO CURRICULAR: A INTERVENÇÃO.

A construção do planejamento da adequação curricular para o aluno com deficiência foi construída em conjunto com a professora da sala de recursos de uma escola da Secretaria Educação do Distrito Federal. Durante o planejamento decidimos que o aluno seria chamado de “I”.

A professora da sala de recursos iniciou falando um pouco sobre o diagnóstico do aluno, suas características habilidades e dificuldades. Ela o descreveu e falou do seu contexto escolar a partir do que observou em sua vivência no pouco tempo em que ele tinha frequentado a escola:

O aluno “I” é deficiente e tem como diagnóstico TGD (Transtorno Global do Desenvolvimento) ele tem 9 anos, vou falar um pouquinho sobre esse transtorno, que são distúrbios nas interações sociais, dificuldades na comunicação e comportamental, muitas vezes apresenta estereotípias e comportamentos repetitivos, dificuldades de estar em ambientes com muito barulho e muita gente.

Ele tem muita dificuldade em se relacionar com o outro, não olha nos olhos, e ainda não tem desenvolvida a comunicação emissiva, o aluno não fala e utiliza pouquíssimos gestos para representar seus desejos como, quando quer comer, chamar o pai e ou a mãe. O interessante é que esse aluno é diagnosticado como TGD, mas muitas características não são de um autista clássico.

Nesses 4 meses que ele está na escola, ele vem apresentando cada vez mais, um quadro de afetividade que não apresentava na outra escola, ele chega

abraça e faz questão de estar perto de algumas pessoas, tem preferência e proximidade. É bastante seletivo está cada vez mais se aproximando de alguns colegas na escola.

Então decidimos, a partir desse contexto, que nosso objetivo inicial com esse aluno era desenvolver a sua interação social com a turma. Observando os pressupostos de Vygotsky que afirma que a interação social é importante para o desenvolvimento do aluno, seguimos com o planejamento para a realização de duas horas de atividades com a turma de 2º ano do ensino fundamental da escola. Nessa perspectiva de relações e experiências compartilhadas Libâneo (2004) afirma que:

As influências que afetam a aprendizagem dos alunos e o trabalho dos professores são provenientes da experiência cultural, dos valores e significados trazidos pelas pessoas de seu meio social e vivenciado na própria escola, ou seja, das práticas e experiências compartilhadas em escola e na sala de aula (p. 172).

Devido à sua deficiência, trabalhar com esse aluno a questão da interação social torna-se um desafio. Sua dificuldade é bem acentuada, o que faz necessário que o professor seja sensível e acompanhe de perto todo esse trabalho, respeitando suas limitações. Atividade será realizada a partir da confecção de um mosaico utilizando técnicas manuais, para confecção de um mural coletivo.

Esse planejamento foi preparado em quatro adequações:

A 1ª adequação (organizativas): **Trabalho em grupos**. Será uma adequação organizativa, que é organização da sala de aula, do ambiente físico. O porquê dessa adequação? A professora da sala de recursos relata que o aluno está posicionado em uma mesa a frente do quadro, com o monitor do lado dele ou, de outra forma, mais ao fundo da sala, também ao lado do monitor.

Segundo a professora da sala de recursos, essa organização mostra que o aluno está integrado no processo educativo, mas não incluso, uma vez que tem pouco espaço para interação com as demais crianças da sala de aula. Surge, assim, com base nos pressupostos da escola inclusiva, a proposta de uma adequação organizativa que proporcionará a inclusão do aluno em grupos.

Conforme as orientações pedagógicas (2010) essas adequações nos elementos do currículo são chamadas de **Organizativas**: englobam agrupamento de estudantes; disposição das cadeiras e carteiras em sala de aula; organização didática da aula, envolvendo trabalhos

em grupos e oficinas; organização temporal (ordem de apresentação dos conteúdos, dos objetivos, etc.) e os materiais didáticos a serem utilizados (p. 45).

Consideramos que isso possibilitará a participação/interação dessa criança com o grupo dando oportunidade para que ele tenha de forma experimental, um contato maior com outros alunos e participe de uma atividade em grupo e, ao mesmo tempo, que os outros colegas possam também estar em interação com ele, possibilitando oportunidade de troca de experiências mútua.

Com isso, focamos em uma *perspectiva de educação como fenômeno de experiências significativas*, a partir de Vygotsky (2001), aonde a colaboração entre professor e aluno, entre os alunos e entre monitor e aluno, pode e deve acontecer. Para o autor, no processo de aprendizagem a *interação social* deve ser valorizada, experimentada e vivenciada.

A 2ª adequação (organizativas de materiais): **uso de técnicas manuais e material concreto**. Serão disponibilizados na mesa dos alunos o desenho da figura de um mosaico, em folha de papel A4, os materiais que serão utilizados, como o E.V.A de várias cores, cola e tesoura.

A partir dessa disponibilização, muitas habilidades podem ser desenvolvidas, atendendo às necessidades do aluno, como: a percepção visual, a atenção, a concentração, a coordenação motora, a interação social, o trabalho com as cores, a motricidade fina, o estar com grupo e no grupo, etc. Tais habilidades influem decisivamente no desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. De acordo com Vigotsky (1984)

É por intermédio do aprendizado de conteúdos, do conhecimento contido nos **instrumentos físicos e simbólicos**, que as formas cognoscitivas e de sentimento se estabelecem. É por essa via, da mediação, cujo principal fator é a linguagem, que os conteúdos são internalizados pelo deficiente mental como uma finalidade social vinculada à realidade aluno. Tal mediação se faz por meio de um ensino criterioso, com objetivos bem definidos (grifos nossos). (p.110)

De acordo com a professora regente, o aluno “I” não gosta de contação de histórias e nem de usar lápis de escrever, mas, por outro lado, gosta muito de fazer atividades manuais, utilizar objetos, barbante, palitos, fazer pinturas e colagens. Consideramos, então, esta organização pode ser uma ótima opção metodológica para que possamos atingir nossos objetivos.

A 3ª adequação (do tempo): **tempo de execução da atividade**. Para o aluno iremos necessitar de uma adequação de tempo, pois, devido a sua deficiência, não consegue realizar atividade no mesmo período de tempo que os colegas da turma.

Dessa forma, assim como sugere os orientações pedagógicas do Ensino especial à *disponibilização de tempo flexível, tanto no que se refere à duração, quanto ao período das atividades propostas* (p. 46), orientamos que a professora não fique presa ao tempo de conclusão da atividade ou na conclusão da tarefa. Esperamos que ele faça em seu tempo, com foco no processo, e tendo como objetivo maior, a possibilidades de interação social com os demais colegas da sala.

A 4ª adequação (formativa): **colaboração**. Sugerimos montar o mural da sala em colaboração, professor e alunos. Solicitar a participação do aluno “T” em todas as fases, da maneira que ele puder colaborar, tanto com o professor, como com os demais colegas da sala. Também é fundamental, que o processo seja bidirecional e, professores e colegas também colaborem com as tarefas de “T”.

Afirmamos que em colaboração a criança sempre pode fazer mais do que sozinha. No entanto, cabe acrescentar: não infinitamente mais, porém só em determinados limites, rigorosamente determinados pelo estado do seu desenvolvimento e pelas suas potencialidades intelectuais. Em colaboração, a criança se revela mais forte e mais inteligente que trabalhando sozinha, projeta-se ao nível das dificuldades intelectuais que ela resolve, mas sempre existe uma distância rigorosamente determinada por lei, que condiciona a divergência entre a sua inteligência ocupada no trabalho que ela realiza sozinha e a sua inteligência no trabalho em colaboração. [...] A possibilidade maior ou menor de que a criança passe do que sabe para o que sabe fazer em colaboração é o sintoma mais sensível que caracteriza a dinâmica do desenvolvimento e o êxito da criança. Tal possibilidade coincide perfeitamente com sua zona de desenvolvimento imediato (VIGOTSKY, 2001, p. 329).

Assim Vigotsky afirma o ganho que a criança tem em seu desenvolvimento, quando o trabalho é feito em colaboração. A escola é o local onde essa colaboração pode e deve ser trabalhada com mais intencionalidade e intensidade. Por meio o aluno deficiente poderá participar ativamente do seu próprio aprendizado e diminuir, ou até mesmo eliminar as barreiras impostas pela sua limitação. Nessas relações e situações sociais, a intervenção e acompanhamento do professor são fundamentais, pois, conforme esclarece Vygotsky (1984) [...] *o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer* (p.118).

Ao fazer este planejamento foi pensado em várias adequações, que vão desde a organização da sala, até alterações de tempo de realização da atividade, escolha, características, quantidade de material e tipo de atividade. Nesse contexto, elegemos a interação social como o maior objetivo, e, para isso, construímos atividades aonde o aluno tenha oportunidade de trabalhar em grupo, com toda a turma e utilizando o material coletivamente, todas as técnicas que possibilitam fazer trocas e escolhas.

Essa intervenção, pensada em parceria com a professora da sala de recursos da escola, poderá envolver o aluno “I” com os colegas da turma e com o próprio professor regente, além de trabalhar no centro de interesse do aluno com deficiência. Consideramos que, por meio dela, será possível facilitar o processo de inclusão desse aluno dentro do ambiente de sala de aula e ampliar sua capacidade de interação social.

Para concluir a atividade e como avaliação desse trabalho, pensamos em construir um mural coletivo, dentro da sala ou até mesmo fora dela, com a participação dos próprios alunos, para que eles possam visualizar o trabalho feito coletivamente.

Buscamos então, com esse trabalho, favorecer o processo de reflexão das ações da professora em sala de aula e também da escola como um todo e, a partir dessa adequação curricular construída e pensada em conjunto, possamos visualizar a consolidação da proposta da escola inclusiva, que é, na prática, a participação e inclusão de todos no processo de escolarização, sem distinção, garantindo direitos e atendendo às necessidades individuais de cada aluno, como visa a proposta da escola inclusiva.

CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto de pesquisa objetivou a construção de uma ação pedagógica para uma prática educativa inclusiva. Nesse processo, percebemos a grande importância e necessidade do professor fazer o uso das adequações curriculares como uma ferramenta de ensino para definir estratégias e possibilitar em sua prática diária, ações que estimulem os processos de aprendizagem do aluno com deficiência.

Construir um planejamento de ações que une teoria e prática em um objetivo comum, que é promover o sucesso escolar do aluno com deficiência, eliminando barreiras e garantindo seus direitos, são ações que promovem o desenvolvimento de uma consciência educacional inclusiva.

Consideramos que esta pesquisa deu oportunidade ao professor de conhecer a prática de uma adequação curricular que está pautada em estudos e experiências exitosas que oportunizam os alunos deficientes a terem uma participação mais ativa no processo de ensino aprendizagem. Todas as ações e estratégias foram pensadas e organizadas para atender as necessidades individuais do aluno com deficiência garantindo assim, o desenvolvimento da sua aprendizagem.

Essa pesquisa pode contribuir para o trabalho dos professores de salas de recursos e também professores de turmas de classe comum inclusiva que possui alunos com deficiência, que sentem dificuldade em entender a adequação curricular como ações e estratégias que favorecem o aprendizado do aluno deficiente.

Este trabalho mostra que a adequação curricular é um instrumento que dá subsídios para a prática diária do professor, traçando estratégias para o atendimento das especificidades do aluno deficiente, garantindo e propiciando possibilidades de atingir metas propostas para sua aprendizagem e desenvolvimento. A utilização de adequações curriculares em benefício das necessidades e limitações do aluno deficiente tem como finalidade alcançar o sucesso na sua escolarização.

O envolvimento do professor neste processo garante a eliminação de barreiras para a aprendizagem desse aluno e também o incentiva para a busca constante de conhecimento, para poder atuar frente aos desafios que enfrenta a cada dia no seu atendimento ao aluno.

Assim a adequação curricular promove em todos os participantes desse processo educativo a consciência de fazer parte e consolidar na escola, a proposta da escola inclusiva, na qual todos os alunos possam ter acesso à aprendizagem sem barreiras e ou impedimentos.

Essa garantia se dará quando os professores perceberem a grande importância de fazer da adequação curricular, uma prática diária e efetiva em sala de aula e fora dela.

CAPÍTULO VI – REFERÊNCIAS:

- AMERICAN ASSOCIATION ON MENTAL RETARDATION. **Mental retardation: definition, classification, and, systems os supports.** Washington, DC, USA: AAMR.4. ed., 2002.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial** [da União]- Seção 1 - data 23 dez.1996, p. 27833.
- _____.Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica/Secretaria de Educação Especial** – Brasília, MEC; SEESP, 2001.
- _____. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP. 2008.
- _____. Ministério da Educação. **Saberes e práticas da inclusão v.4.** Estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais /coordenação geral: SEESP/MEC; organização: Maria Salete Fábio Aranha. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2003.
- BRASÍLIA. Secretaria de Estado de Educação. **Orientação Pedagógica: Educação Especial.** Brasília: SEDF, 2010.
- _____. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Educação Especial.** SEDF, 2014.
- _____. Secretaria de Estado de Educação. **Projeto Político Pedagógico Escola Classe Morro do Sansão.** SEDF, 2015.
- CARVALHO, E. N. S. **Educação: direito de todos os brasileiros.** In: Salto para o Futuro: Educação Especial: tendências atuais. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.
- _____. & MONTE, R R F. do. "A educação inclusiva de portadores de deficiências em escolas públicas do DF". In GOYOS, C; ALMEIDA, M. A. & SOUZA, D. de (org.). Temas em Educação Especial. São Paulo, Editora da Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, 1995.
- FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio.** 6. Ed. Curitiba: Posigraf, 2004. 895 pp.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- _____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas a outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. **Pedagogia do Oprimido.** 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREITAS, S N. **Uma escola para todos: reflexões sobre a prática educativa.** Inclusão – Revista da Educação Especial – Secretaria de Educação Especial/MEC. Ano 2 – n. 3, dez/2006. p 37-40.
- GOFFREDO, V. L. F. S. **Caderno de estudo** - Educação Especial. Rio de Janeiro, Fesp -RJ, 1997.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005a.
- LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática.** 5. Ed. Goiânia: ed. Alternativa, 2004.
- MEDEL, C. R. M. A. **Projeto Político-Pedagógico: Construção e Implementação na Escola.** 1ª. ed. Campinas SP: Autores Associados, 2008. v. 2000. 128p .
- MANTOAN, M.T.E. **Educação de qualidade para todos: formando professores para inclusão escolar.** Temas sobre desenvolvimento, V. 7, n. 40, 2000. p. 44-48.

- MITTLER, P. **Educação Inclusiva – contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- SASSAKI, R.K. **Inclusão construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- VASCONCELLOS, C. S. **Coordenação do Trabalho Pedagógico: do trabalho político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo, SP: Libertard, 2002.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- _____. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2001.
- <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/maria-teresa-egler-mantoan-424431.shtml>>
- Acesso em: 09 de outubro 2015.
- <<http://www.moodle.ufba.br/mod/glossary/showentry.php?courseid=1854&concept=ppp>>
- Acesso em 27 de outubro 2015.

ANEXOS

ANEXO I: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROF. E

Nessa transcrição serei identificada como “Pesquisadora” e a professora da sala de recursos *E* como “Professora”.

Pesquisadora: Vamos dar início com a sua apresentação. Sinta-se a vontade para falar.

Professora: Meu nome é *E*, eu trabalho atualmente em uma escola de zona rural, que agora é chamada de escola do Campo, com um quantitativo de 127 alunos, na qual atendo hoje, na sala de recursos, 16 alunos, com 4 alunos na lista de espera. Esse ano, teve uma grande quantidade de diagnósticos fechados, por essa razão, se abriu essa lista de espera. Eu tenho dezessete anos na Secretaria de Educação, fazendo dezoito no mês de janeiro de 2016 e sou nível 20. Sou mãe de três filhos entrei no ensino especial por causa da minha filha mais velha, que na época estava fechando o diagnóstico de DI, só que com as intervenções e estudos, se descobriu que o diagnóstico era na verdade, de altas habilidades, mesmo eu ficando com receio, busquei estudar e conhecer mais sobre a questão da inclusão e sobre o ensino especial. Aí vi que precisava estudar mais. Toda esta busca se iniciou por questões familiares, pois queria entender o que estava acontecendo com a minha filha para poder ajudá-la.

Pesquisadora: Então você buscou se aperfeiçoar a partir de um interesse pessoal?

Professora: Foi por causa da minha filha mais velha. E aí eu senti a necessidade de conhecer mais sobre as deficiências e passei a sentir prazer com isso. Passei a gostar desse tipo de clientela. Fiz o magistério, depois fiz pedagogia pela UnB, participei de um projeto que uniu a teoria e prática em sala de aula, que fez muita diferença na minha formação, e depois fiz 5 pós-graduações e atualmente, estou me preparando para o mestrado. Sou Orientadora Educacional por especialização, sou Gestora contemporânea por especialização, estou terminando uma especialização em direitos humanos e educação e estou concluindo mais uma especialização em Português como segunda língua para surdos.

Pesquisadora: Nossa! Você está buscando mesmo se aprofundar na educação inclusiva, foi por isso você buscou a formação continuada?

Professora: foi por querer entender porque minha filha não conseguia ser alfabetizada. Comecei a buscar estratégias, a buscar conhecer as dificuldades dela e consegui alfabetizá-la em 15 dias, então foi um ganho muito bom e pessoal para família. Pude ver que uma

intervenção bem feita e com qualidade, assim como tive ganhos com a minha filha, poderia fazer efeito com outras crianças!

Pesquisadora: e você está gostando do ensino especial? Por quê?

Professora: Sim! Já tem 6 anos que eu estou em sala de recursos. Estava na direção da escola e vi a sala de recursos como o “filé mignon” da secretaria de educação, eu achava uma sala tranquila aonde o professor ia lá e atendia o aluno com jogos e brincadeiras. Então quando eu pedi exoneração, fui à direção da Regional de Ensino e pedi para o Diretor me encaminhar para fazer uma entrevista para atuar na sala de recursos, e na mesma semana, fui à entrevista e fui aprovada, estou atuando até hoje e descobri que atuação não era só uma brincadeira, são brincadeiras sérias e com objetivos claros. E para atuar em sala de recursos tem que gostar, pois dá muito trabalho e no fundo, no fundo é um trabalho muito gratificante.

Pesquisadora: E sobre as estratégias utilizadas na sala de recursos? Você pode me falar um pouquinho sobre elas?

Professora: O interessante de trabalhar individualmente com cada aluno, é que dá para perceber que cada aluno tem o seu diagnóstico, e cada diagnóstico se apresenta de uma forma diferenciada em cada criança. Todas as crianças são diferentes e devem ser trabalhadas estratégias diferentes com cada um. Você pode usar o mesmo material com cada um, mas com certeza os objetivos para aprendizagem serão diferenciados, observo que cada criança funciona de um jeito, tem crianças que se dá muito bem com o uso de certos materiais tecnológicos, como o uso do computador, o uso de mídias e internet, estratégias que facilitam totalmente o ganho cognitivo e social. Já outras não! Elas precisam do brinquedo, do uso do bloco lógico, de estratégias manuais, e tem outras que se desenvolve utilizando o papel, o lápis, vai depender das intervenções e objetivos que o professor define para cada aluno individualmente.

Pesquisadora: Como são os seus atendimentos? Você pode me falar um pouquinho sobre eles?

Professora: Isso! Gostaria de falar sobre eles, faço atendimento individual, em duplas ou em pequenos grupos. São todos alunos diagnosticados atendo, esses alunos duas vezes por semana, 45 minutos cada dia. Esses atendimentos são feitos em dias alternados e tendo como base a perspectiva de Wallon que fala sobre a afetividade, busco sempre em meus atendimentos ter uma conversa inicial com alunos, dando oportunidade de se expressar, de falar, criando um elo entre o professor e o aluno. A afetividade conta muito e isso facilita o trabalho em sala de aula envolver a emoção dando oportunidade da fala e da escuta.

Pesquisadora: Isso facilita o processo de aprendizagem? Como?

Professora: Nessa perspectiva o processo de aprendizagem do aluno ganha tanto no desenvolvimento cognitivo, quanto na interação social, nas relações com os pares.

Pesquisadora: Muito bem! Como é o seu atendimento hoje e como deveria ser?

Professora: São muitas as atribuições da sala de recursos e são extensas, a gente trabalha desde o professor com intervenções diretas e indiretas, como com o aluno, isso envolve a escola inteira. E me sinto uma professora privilegiada na realização desse trabalho, pois tenho uma sala que tem todo o suporte material e pedagógico. A minha sala tem equipamentos do MEC. Mas agora se falando sobre inclusão, na minha escola, temos uns pequenos problemas quanto a isso, considero que na minha escola estamos em processo de preparo para a inclusão e todo o processo demora um pouco para ser consolidado. Acho também que muitos professores não estão preparados, mas não é por falta de aperfeiçoamento, pois temos na secretaria a EAPE e a UNB que são parceiras nesse processo de formação continuada, então oportunidades todos nós temos! Penso que esse professor que não se aperfeiçoa são os que têm as maiores dificuldades em entender o processo de inclusão dos alunos com deficiência. E aí nos esbarramos no processo de negação dos professores e todas as propostas de planejamento que são oferecidos na escola os professores falam que não vai dar certo, que não tem jeito de fazer, e realizar qualquer projeto se torna algo muito difícil. Então isso atrapalha muito! Hoje o professor não tem a sensibilidade de que o aluno é da escola, e que como professor, ele deve trabalhar com suas dificuldades. O professor esquece que o aluno está lá e tem seus direitos, e que ele como professor deve se empenhar para facilitar o processo de aprendizagem. O professor deve se conscientizar que ele fez um concurso para ser professor, e isso não dá o direito de está escolhendo o aluno que vai trabalhar: deficiente ou não!

Pesquisadora: É todo processo de mudança, leva tempo e é bem difícil mesmo! Mas como está sendo realizado o seu trabalho na sala de recursos? Você se sente apoiada no seu trabalho?

Professora: O interessante do atendimento do aluno especial é que, é importante ter uma parceria muito grande com a professora da sala de aula, a regente da turma. Então noto que é nítido quando essa parceria é efetiva. O trabalho é muito mais intenso e valorizado, o ganho na questão da aprendizagem é maior, tanto para o aluno deficiente, quanto para os outros alunos da turma. Os resultados do trabalho da sala de recurso quando tem a parceria com a professora regente é muito mais rápido pode-se ver os resultados e podem ser evidenciados

claramente, o trabalho da sala de recursos depende muito do trabalho executado na sala de aula e vice versa, são trocas, e devem ser feitas. O desenvolvimento do aluno pode até ser previsto, mas não tem uma data de início e término, é parte integrante de todo um processo, e os alunos deficientes temos que levar em conta, todas as suas dificuldades, como a lentidão, as suas limitações, levar em conta os atendimentos que são solicitados e sugeridos para que esse processo possibilite o desenvolvimento do aluno. Os dois atendimentos feitos na sala de recurso semanais, fazem muita diferença no processo educativo do aluno deficiente, pois é por meio dele que são sugeridas as adequações curriculares como intervenções, de quando e como aplicá-las no processo de ensino, tanto em sala de aula, quanto nos atendimentos em sala de recursos e participação em outros ambientes da escola e fora dela. É importante lembrar que todo trabalho com esse aluno deve ser intencional, deve ter uma sequência e promover uma rotina, sendo contínuo e colocando em prática as propostas das adequações curriculares. Busco em minha sala, sempre desenvolver o aluno a partir do concreto e manual, para depois chegar ao abstrato, que ele consiga produzir sozinho, participe, desenvolvendo autonomia para construir seu material e suas atividades com independência. Atendo alunos com deficiência intelectual, que são chamados de DI, com o desenvolvimento de atividades que exigem deles o uso do raciocínio lógico, as atividades se tornam desafios e a gente pode até colocar junto com os outros alunos que não têm deficiência para realizar atividades e muitos conseguem alcançar os objetivos e até ir além. O trabalho na sala de recursos é para desenvolver mesmo os processos mentais, então buscamos trabalhar a percepção visual, auditiva, a concentração, o raciocínio, a linguagem, buscando sempre trabalhar as dificuldades que esse aluno apresenta, para que ele consiga realizar as atividades propostas em sala de aula com mais autonomia e independência, e busco sempre trabalhar com as habilidades que o aluno tem. A aprendizagem do aluno deficiente deve se dar no aspecto positivo. Temos que ser sensíveis e observadores, e estar atentos a possibilidade de aprendizagem que os alunos apresentam, alguns demonstram maiores facilidades que podem ser visuais, auditivas, outros só consegue aprender fazendo a leitura, outros só consegue fazendo uso de recursos materiais e concretos e assim vamos construindo esse processo de aprendizagem do aluno buscando alternativas para que a aprendizagem deles se tornem significativa!

Pesquisadora: você tem buscado se atualizar, participar de cursos para dar um atendimento melhor a esses alunos?

Professora: Sim, pois percebo que a base do trabalho da sala de recursos é documentada então, busco participar de curso para me atualizar não somente a minha prática, mas também para

me informar sobre as documentações, os direitos e deveres do aluno dentro e fora da escola, as legislações, para deixar bem apoiado o trabalho que realizo, pois nada acontece do nada, primeiro surge a necessidade, depois a busca documental para o amparo legal e depois a ação propriamente dita.

Pesquisadora: Professora como que você está realizando seu trabalho hoje, e como ele deveria ser para atender às necessidades do aluno com deficiência? Como que você imagina a escola ideal, a prática pedagógica ideal para atender o aluno com deficiência?

Professora: meu trabalho hoje nesta escola esbarra na aceitação da deficiência, do diferente, mas graças a Deus, estamos trabalhando todos os dias para essa mudança de atitude! São poucas as pessoas com as quais convivo na escola, que ainda não têm esse pensamento inclusivo. O Ideal seria mesmo quando todos tomassem consciência de seu trabalho de forma humana, e que não necessitasse de leis, para que o aluno deficiente tenha acesso à educação de forma mais justa! E que não se medissem forças para dar um atendimento melhor a essas crianças.

Pesquisadora: Você presencia essa dificuldade de aceitação nas atitudes das crianças?

Professora: Não! As crianças não têm isso com elas. A questão dessa aceitação do diferente é difícil para o adulto, que são cheios de preconceito. Para criança e o adolescente não vejo dificuldade em aceitar o diferente, eles chegam a gostar de estar junto, de poder ajudar, de ser prestativo, dar atenção e sentir responsável pelo outro e poder ajudar. Eles se ajudam e querem estar juntos! Com processo de inclusão na escola eu tenho percebido essa mudança de atitude nas crianças e sinto também que conseguiremos contagiar a todos!

Pesquisadora: Gostaria de saber quais são as estratégias que você utiliza hoje, no atendimento do aluno com deficiência?

Professora: Busco primeiramente conhecer o aluno, o contexto em que vive, conhecer a família, busco saber informações de como foi o processo anterior, se é que ele teve. Eu nunca desqualifico a bagagem que ele traz, eu sempre aproveito como conhecimento, para dar suporte ao trabalho que realizo com ele.

Pesquisadora: Como você faz isso na prática?

Professora: Utilizo métodos de sondagem, como teste da psicogênese, quando é possível é claro, busco utilizar o método de Piaget do raciocínio lógico que perpassa vários níveis de aprendizagem do pré-operatório até chegar ao abstrato. E aplico estratégias de ensino que

foram aplicadas em estudos e pesquisas e que deram certo. Utilizo jogos e recursos de tecnologias e eles adoram ir para a minha sala.

Pesquisadora: Esses métodos dão certo?

Professora: Sim, dão muito certo! Essas estratégias são utilizadas não só para avaliar o aluno, é para saber até onde chegou no processo de aprendizagem. Para saber, como e quais estratégias utilizar, para dar continuidade à aprendizagem, pois acredito que o aluno sempre está preparado para aprender, seja pouco, ou muito, depende da sua disposição para aprender, de estímulos, de incentivo, que faz parte das ações e da intencionalidade do trabalho do professor para trabalhar o cognitivo, o social, a parte de tecnologias, o afetivo e o emocional dessa criança, vai depender de cada situação, pois no dia a dia a gente traça um caminho e se for necessário, reavaliar o processo e traçar outras metas e objetivos, claro baseado em muito trabalho e estudo para poder alcançar e atingir esse aluno de maneira satisfatória.

Pesquisadora: você deve ter passado por várias experiências exitosas nessa trajetória da sala de recursos, em seu trabalho você consegue visualizar os progressos dos alunos?

Professora: Sim! Posso relatar várias experiências, várias conquistas que o aluno usando recursos, usando material adaptado, ele consegue alcançar os objetivos que são previstos pra ele. O uso das tecnologias é muito importante também, pois capacita o aluno, facilita na aquisição da atenção e concentração por um tempo maior. Posso dar vários exemplos para que você possa visualizar a realização desse trabalho e como ele é significativo na aprendizagem da criança com deficiência. A gente cria uma estratégia de atendimento baseado em estudos de Emília Ferreiro, de Piaget, de Vygotsky e de muitos outros que contribuíram e continuam contribuindo para o processo escolarização.

Pesquisadora: Gostei muito de saber as estratégias que você utiliza no trabalho com aluno deficiente! Gostaria de propor a você a construção de um planejamento em conjunto, com atividades baseadas em adequações curriculares para que fossem aplicadas em uma atividade realizada em sala de aula. Você aceita construir comigo esse planejamento?